

Especial

O educador hoje deve ter como meta principal levar o aluno a se autodescondicionar do seu próprio eu egoísta e fechado, fazendo com que se torne uma criatura nova.



EDUCA QUEM SUSCITA

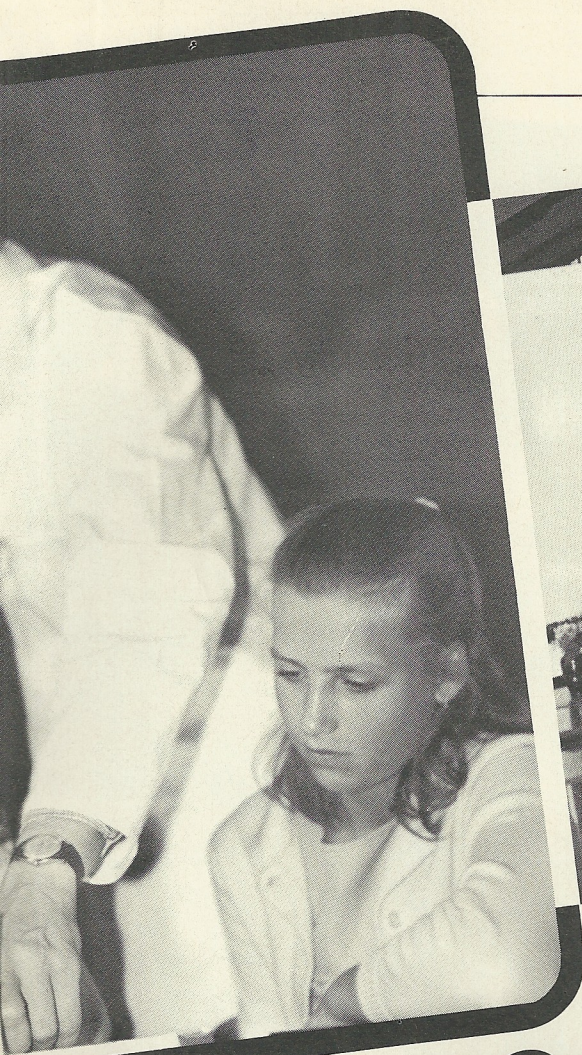
A sensação geral hoje é a de que a escola esteja passando por uma profunda crise. Enquanto os professores são condicionados a oferecer um baixo nível de instrução e formação, os alunos se acham coagidos a estudar e fazer tarefas desinteressantes, quando não impelidos por um ideal de sucesso e competição. Tal constatação tem levado muitos a se desinteressarem pela educação escolar, enquanto outros buscam arduamente descobrir um novo sentido para seu trabalho pedagógico. E se perguntam qual a importância e o valor que a escola tem na sociedade. Vamos, pois, propor uma nova visão da educa-

ção e da posição da escola neste contexto.

É preciso, antes de tudo, tomar consciência de que a Escola não é o centro principal de educação. Talvez nos admiremos disso, mas é uma realidade que se torna sempre mais evidente. Educação é todo um processo complexo, que em sociologia se chama "socialização", na antropologia cultural, "aculturação". A sociedade desenvolve uma densa rede de influências, estímulos, nas mais diversas formas, que tende a inculcar, nos componentes de uma sociedade, os valores, os modelos de comportamento, as crenças, a mentalidade, as opções, em suma, a "cultura" de uma sociedade.

Os instrumentos ou agentes de so-

cialização são muitos: a família, (que se estende à vizinhança e, de um certo modo, à classe social), a escola, a Igreja, os grupos informais (esportivos, de amigos, etc.), grupos formais (políticos, culturais, sindicais). Além desses, também são agentes de socialização todas as atividades que o homem desenvolve, como o trabalho, o tempo livre, o esporte, a arte, as atividades lúdicas. E o agente de educação talvez mais potente são os meios de comunicação de massa, os "mass-media". Enfim, não se pode esquecer que também o ambiente humano e natural exerce uma infinidade de estímulos em nós, num plano quase sempre inconsciente. Todo esse conjunto constitui o que é chamado pelos sociólogos de "Sistema Educativo Global", dentro do qual a escola é apenas um dos muitos agentes de educação.



A PESSOAS NOVAS

Escola Institucional e Escola Paralela

Os sociólogos estabelecem uma distinção entre a escola "institucional", constituída pelo sistema escolar propriamente dito, e a "escola paralela", representada pelos grupos que exercem alguma ação educativa, como a família, a Igreja, as associações.

Poderíamos ainda distinguir dois tipos de educação. O primeiro é a educação pessoal, intencional, quando se propõe a ensinar alguma coisa a alguém. O segundo tipo é a educação informal, que é a transmissão de valores, sentimentos, idéias, que ocorre intencionalmente em toda a vida social. É preciso notar que, embora nas atividades educativas se explicitem muitas vezes só a educação formal, sempre se exerce uma educação informal. Assim, o educador transmite a teoria através de pala-

avras, mas os alunos percebem e aprendem também por meio de todas as suas atividades e comportamentos: percebem, por exemplo, se o professor está exercendo sua atividade apenas como um mercenário ou se está empenhado em transmitir um conteúdo humano.

Está se tornando cada vez mais evidente para todos, que a educação informal e a escola paralela prevalecem de modo quase absoluto sobre a educação formal e a escola institucional. Não só em termos de tempo em que se está sob sua influência, mas também em termos de eficácia, pois, na medida em que o indivíduo cresce, ele se deixa influenciar sempre menos pelos professores e pela escola.

A escola, em suma, não é nem o único, nem o principal agente de educação. Mas é inegável que, dentro de seus limites, exerce uma grande influência sobre as pessoas e tem um importante papel a cumprir. Se a escola tomar consciência de sua função, pro-

vavelmente ela se tornará um meio indispensável para se projetar uma humanidade diferente.

Funções da escola

Podemos dizer que a escola tem basicamente duas funções. Uma, de caráter eminentemente "pessoal", que é a de ajudar o desenvolvimento e o amadurecimento da pessoa, em seus vários aspectos (intelectual, afetivo, prático, físico, artístico), formando-a para a convivência humana. A segunda função é eminentemente "pública", ou seja, a de facilitar o inserimento do jovem na sociedade, formar o cidadão e o profissional. E aqui está o problema: formar o indivíduo segundo qual modelo de cidadão, inculcar nele qual modelo de homem? Será que existe um único modelo de cidadão e um único ideal a ser ditado às novas gerações? Ou, então, será que não devemos procurar cada dia, junto com as novas gerações, descobrir um tipo ideal de homem e de cidadão?

Condicionamentos e autenticidade

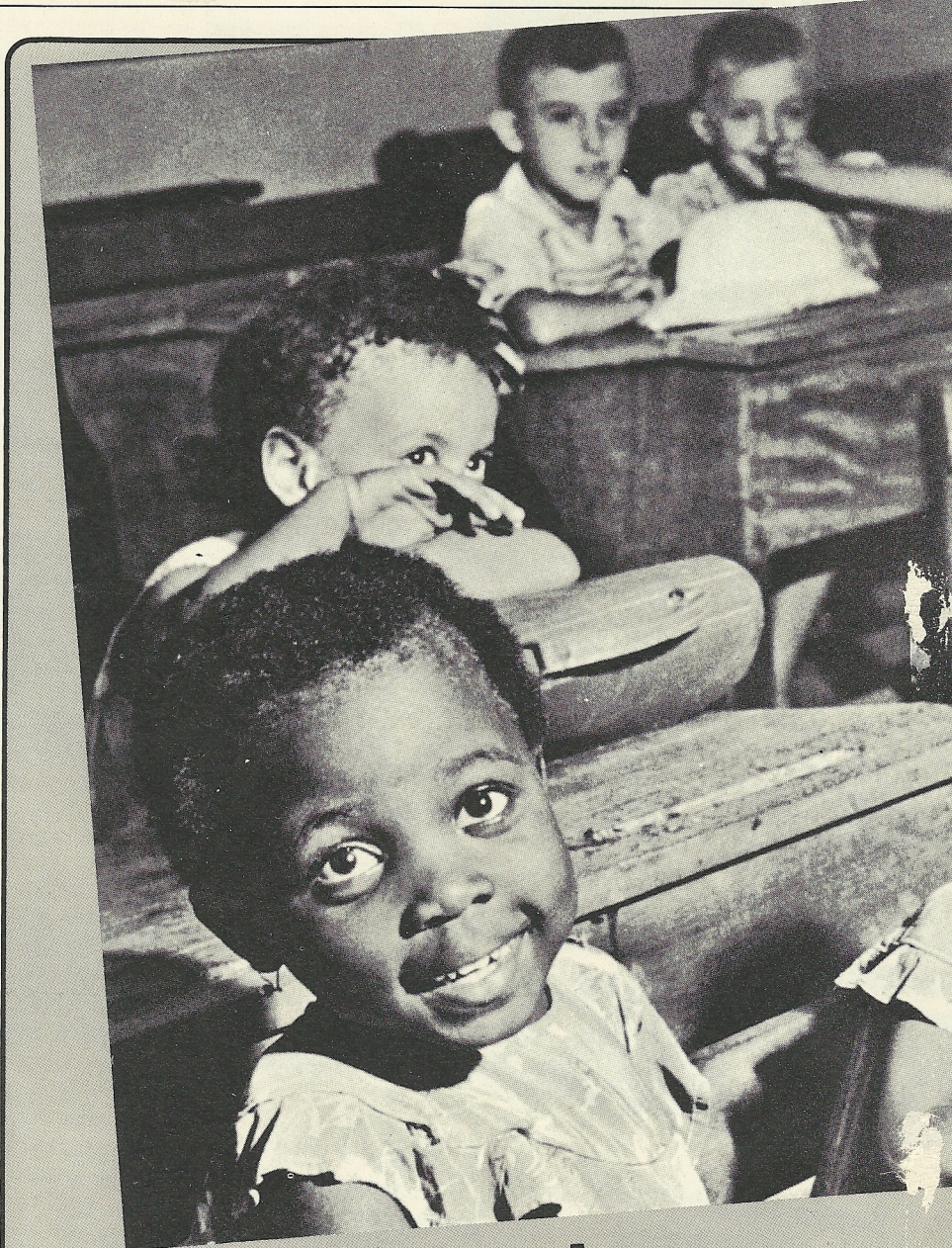
Segundo a mentalidade corrente, busca-se na escola os recursos culturais que habilitem o indivíduo a “subir na vida”, a conquistar um “status” mais elevado. O ideal que se procura realizar é o de “ser alguém na vida” e isto significaria pertencer, de algum modo, à elite privilegiada da sociedade, para a qual a felicidade e a realização consistem em “ter mais”. O modelo de homem que se propõe é, então, o do indivíduo que conquistou o sucesso e o bem-estar mediante a competição e o consumismo.

Trata-se de perguntar se este modelo de homem, efetivamente encarnado e propugnado por uma pequena elite, pode ser alcançado realmente pela grande massa do povo, que vive estruturalmente condicionado por uma situação de miséria, carência, ignorância. Mas também é preciso questionar se a superação da miséria, carência e ignorância das classes mais humildes se encontra realmente no bem-estar, na comodidade e num certo tipo de instrução e de comportamento dos jovens pertencentes às classes abastadas.

Quer nos parecer que tanto a carência, de um lado, quanto o bem-estar, de outro, sejam condicionamentos exercidos por uma sociedade construída com base em interesses privados e em deformações históricas que sufocam e distorcem a personalidade dos indivíduos. E se na contestação juvenil muitas vezes podemos identificar uma busca de autenticidade – que se projeta muito além do modelo de realização humana proposto pela sociedade – é porque existe uma exigência profunda de superar os condicionamentos despersonalizantes. Esta exigência profunda dos jovens pode indicar qual o sentido fundamental da ação do educador.

Educação e descondicionamento

Não cabe ao educador impor aos educandos a liberdade e a criatividade. A criança, o jovem já é um núcleo de forças, de energias que pedem apenas condições para se desenvolverem harmoniosamente. A condição fundamental é a existência de outras pessoas com quem possa ir descobrindo o mundo, seus desafios, seus problemas, suas estruturas, ao mesmo tempo que as pró-



Uma escola se renova

Nesta entrevista, uma professora que leciona numa pequena cidade do interior conta os resultados de seus esforços em favor de uma educação renovada e integral. A seu pedido mantivemos o anonimato.

P. Que tipo de escola é a sua? E que dificuldades você encontrou ao iniciar o seu trabalho?

R. Trata-se de uma escola pública situada numa região onde a maioria dos habitantes, agricultores, são de baixo ní-

das capacidades, limites e possibilidades.

A ação educativa é uma ação inter-pessoal, em que educador e educando crescem juntos, ao ir compreendendo os problemas, os desafios do mundo em que vivem e ao buscarem juntos a solução para esses desafios. É bem diferente

da relação em que o professor busca impor seus conceitos aos alunos, pretendendo que eles os assimilem passivamente.

Trata-se, ao contrário, de exercer uma ação libertadora, no sentido de descondicionamento. Enquanto a sociedade condiciona os jovens, o educa-



vel econômico-social. A escola é praticamente o centro de promoção dos moradores da região. No início, encontrei algumas dificuldades devidas à mudança de ambiente, a adaptações várias e também a uma certa frieza de relacionamento existente entre direção-professores e professores-alunos. Mas não me impressionei. Certa de que dependia também de mim construir relações novas e um ambiente mais próprio para o desenvolvimento do trabalho educativo, passei a me interessar por cada pessoa que me passava ao lado, compartilhando alegrias e dores,

ador pode ajudá-los a se descondicionar. Pode ajudá-los, em primeiro lugar, a tomar consciência do condicionamento em que se encontram e a fazer uma leitura crítica dos fatos. Neste sentido, pode mostrar-lhes aspectos diferentes da realidade em que vivem, indicar-lhes modelos alternativos de vida e criar-

colocando-me a serviço de todos num esforço sincero de ser coerente com os princípios cristãos que adotei para minha vida. Isto fez com que não apenas eu me integrasse rapidamente no meu novo ambiente, mas contribuiu para criar entre os colegas e a direção um relacionamento mais sereno e mais cordial entre todos.

P. E com os alunos?

R. Com os alunos, desde o início me propus a estabelecer antes de tudo um relacionamento pessoal, que criasse na sala de aula um clima de família, e que tornasse o processo educativo o mais eficiente possível. Eles gostaram tanto e aprenderam tão bem que a diretora, após ouvi-los cantar numa festinha da escola, me pediu para ensinar também as outras professoras. Seria o início de uma série de transformações em toda a escola e na comunidade.

P. Como foi que elas ocorreram?

R. De várias maneiras. Uma delas foi através de um programa de visitas às famílias dos alunos, que eu desenvolvi durante todo o ano (durou 10 meses) de 1979. Eram visitas simples, cordiais, sem pretensões "científicas", e com o objetivo primordial de conhecer melhor e querer bem aos alunos e aos seus familiares. Confesso que nem sempre foi fácil, devido as grandes distâncias, ao calor, ao cansaço, à falta de tempo, etc. Mas foi algo muito gratificante. Além de ter sido uma experiência humana enriquecedora, esses contatos revelaram-se de grande utilidade e também muito frutíferos para o meu trabalho com os alunos. De fato, não só pude conhecer as condições concretas em que cada um deles vivia, mas também foi possível envolver os pais no processo educativo escolar e sobretudo fez com que surgisse um relacionamento mais pessoal e humano, e conseqüentemente menos "profissional". E os reflexos na sala de aula se fizeram sentir palpavelmente, através de uma maior participação nas aulas, melhor desempenho, mais disciplina; talvez porque todos se sentiam amados e valorizados.

P. Houve alguma outra repercussão?

R. Este trabalho produziu também um outro fruto para a chamada "comunidade educante". Tudo começou a partir de um relatório que fiz à diretoria da escola so-

lhes ocasiões de escolhas autônomas. E na medida em que o educador conhecer e acolher a realidade pessoal de cada educando aprenderá a não considerar "fatais" ou "naturais" certas situações indesejáveis em que os alunos se encontram inicialmente, mas terá condições de descobrir os meios para ajudá-los a

superar tais situações. De fato, entrando nas casas, me apercebia da precariedade em que viviam muitas famílias, particularmente do ponto de vista da higiene básica. Eu mesma pude dar alguma ajuda para a resolução de alguns problemas concretos, mas era preciso algo mais. Conversando com a diretora surgiu então a idéia de fazer uma espécie de clube de mães. Tomamos contato com o centro de saúde regional e ficou acertado que seriam ministradas aulas periódicas e regulares de higiene e saúde para estas mães. A uma certa altura, porém, aprofundando-se o conhecimento e a amizade no grupo, algumas delas, mais preparadas, dispuseram-se a ensinar às demais corte e costura, culinária e outras prendas domésticas. Eu mesma tive a oportunidade de dar algumas aulas e pude constatar que é uma experiência que promete consolidar-se e desenvolver-se.

P. No seu trabalho com os alunos você partiu de algum plano pré-concebido?

R. Na verdade, meu único plano era o de contribuir para que a escola desempenhasse o seu papel na comunidade em que estava inserida. Depois as coisas foram acontecendo. Eu procurei apenas aproveitar as ocasiões que surgiam, procurando me doar e me colocar sempre a serviço de todos. Como no caso do centro cívico, por exemplo. A diretora pediu-me para assumir a sua direção por um período. Eu aceitei, e também este empenho transformou-se numa experiência muito válida, e entre outras coisas produziu os seguintes frutos: uma presença mais espontânea dos alunos na escola, fora das aulas (inclusive para trabalhar na reforma da sala onde o centro funcionava), e melhor aproveitamento das horas ociosas; desenvolvimento do espírito de iniciativa na promoção de atividades culturais e também de levantamento de fundos para diversas atividades extra-curriculares; maior desenvolvimento do sentido de equipe no trabalho e do senso de responsabilidade; maior comunhão entre os alunos e destes comigo.

P. Houve ainda mais algum fato significativo no relacionamento com os alunos?

R. Sim, vários deles. Porém o que me pareceu mais importante foi o das aulas de religião. Por mais estranho que pareça, justamente hoje em que se questiona muito a validade desse tipo de aulas, a mi-

superar tais situações.

Mas há um descondicionamento fundamental que precisa ser desenvolvido: é a libertação de si mesmo, do próprio "eu" egoísta e fechado.

Sabemos que cada um de nós tem a tendência de viver mais em função de si mesmo e, com isso, a se fechar no

nha experiência nesse sentido foi inclusive muito gratificante. Fui eu mesma que tive a iniciativa de conversar com a diretora, pois já notara por parte dos alunos o desejo de aprofundar mais o nosso relacionamento e de conhecer melhor as verdades essenciais da vida. De fato, no decorrer das aulas não apenas constatei a presença maciça de todos, embora não fosse obrigatória, mas também pude assistir a verdadeiras transformações na personalidade dos alunos e um melhoramento geral em tudo, nos estudos, no relacionamento entre eles, nas atividades extracurriculares, etc.

P. A que você atribui este sucesso?

R. Creio que devo atribuí-lo sobretudo ao fato de ter procurado dar não apenas noções de doutrina, mas antes de tudo levar os alunos a colocar em prática as palavras do Evangelho, servindo-me para isso, do comentário que Chiara Lubich faz mensalmente sobre uma frase do Novo Testamento. É claro que eu também me esforçava por colocá-la em prática. Assim, costumávamos contar como é que tínhamos procurado vivê-la, comunicando os frutos desse esforço e às vezes também desculpando-nos reciprocamente pelas eventuais falhas cometidas e recomeçando tudo de novo. Aos poucos fomos nos tornando como uma família. Tanto os meninos como as meninas criavam confiança comigo e se abriam, contando até os problemas mais íntimos e delicados, o que me dava a ocasião de ajudá-los a amadurecer e se desenvolver mais, indo a fundo na resolução dos problemas. Aliás, no fim do ano passado, tendo que me ausentar por três meses, fiquei surpresa ao constatar o número de cartas que recebi dos alunos. Para mim foi mais uma confirmação de que o nosso relacionamento vai além dos limites meramente "profissionais".

P. O que você diria como conclusão?

R. Bem, como já disse antes, essa experiência foi e tem sido muito gratificante.

Sinto-me bem recompensada pelo esforço e pelo tempo que gastei para desempenhar o meu trabalho do melhor modo possível. Inclusive recentemente o vigário da paróquia da cidade me disse algo consolante. Quando fui me colocar à sua disposição para alguma eventual necessidade, ele me disse que a melhor ajuda que poderia lhe dar era continuar o trabalho que eu estava realizando na escola, pois ele sentia os seus efeitos na comunidade pelo contato que tinha com os alunos e suas famílias. E embora perceba que ainda haja muito o que fazer, tenho constatado que só o amor desinteressado pelos alunos, pelos colegas, pelos pais, enfim, por todos os membros da chamada comunidade educante, pode tornar possível a aplicação eficaz de muitas modernas conquistas da psicologia e da pedagogia. Espero continuar e desenvolver este trabalho, sempre com a colaboração de todos os que nele estão envolvidos, pois acho que faz parte daquela contribuição que devo dar em favor de uma escola melhor, uma sociedade melhor, e enfim de um mundo mais fraterno e feliz.

Luís Eduardo de Oliveira

Querida professora

Trechos de cartas que os alunos da professora entrevistada lhe escreveram durante um período em que ela esteve ausente da escola. Revelam a qualidade de relacionamento que se estabeleceu.

«Jamais poderia esquecer-me daquela que me ensinou tanta coisa bonita, aquela que me ensinou a ver as coisas pelo lado mais bonito sempre. Agora eu sei que nada neste mundo é totalmente ruim, sempre há um lado bom, e por isso tudo lhe agradeço».

«Professora, eu pude contar esta experiência porque foi você quem nos ensinou tudo isso, a aprender a viver. Obrigada, professora».

«Sabe, eu não me arrependo e agradeço pelos conselhos que você me deu. Se não fosse por aquele conselho estaria numa pior...»

«Como sempre, estamos unidos enfrentando as barreiras da escola. Há uma aluna nova na 7.^a A, que parece estar um pouco esquecida pelos colegas; o R. e eu tomaremos providências, pois ninguém é melhor do que o outro...»

«Você está fazendo muita falta aqui. Você é uma professora muito legal, e além de professora é amiga. Isso é muito bacana...»

«Espero que volte logo, pois estou com muitas saudades. Desejo-lhe tudo de bom, quero que seja muito feliz. Você merece!»

«Eu queria perguntar para a senhora o que devo fazer com o M. por que ele está se metendo em minha vida. Eu não sei se é ciúmes ou vontade de estragar os meus problemas. Me mande resposta e diga o que eu devo fazer. De sua aluna que tanto a estima».

«Em resumo, a única novidade é a saudade e o vazio que você deixou aqui. Pôxa, eu tenho tanta coisa prá te dizer. Não é nenhuma novidade pois eu tô sempre cheio de "grilo", né? Sinceramente, a única pessoa a quem eu confiava todos os meus problemas sem nenhuma restrição era você, e principalmente agora que a L. anda tão estranha, eu não sei como resolver os meus poucos e complicados problemas».

«Não sei como agradecer por tudo o que você tem feito por mim. Foi muito bom ter conversado com você e ter tirado muitas dúvidas. Olha, sempre que eu tiver algum problema me perturbando procurarei você, ok? Quando você precisar de algum favor meu estarei a sua disposição. Sabe que eu estou morrendo de saudades da escola aí? Você nem imagina o quanto esse lugar, essa escola me faz falta».

próprio mundo de interesses particulares. Esta semente egoísta encontra-se, por assim dizer, dentro de cada indivíduo, mas se desenvolve porque encontra um ambiente social que a cultiva. Ela se acha, em geral, num terreno fértil proporcionado pela situação ou de carência, ou de bem-estar. Recebe diariamente a luz e o calor do ideal de sucesso individual. E é regado pelo estímulo à competição desenfreada.

Neste contexto social, a escola tende a reproduzir, em sua didática, o mes-

mo modelo de comportamento individualista dominante, contribuindo, assim, para condicionar ainda mais os alunos. Mas o contrário poderá acontecer se o educador se esforçar, em primeiro lugar, para se libertar, ele mesmo, desses condicionamentos, e se unir a outros na busca dos meios pedagógicos que ajudem também aos alunos neste processo de "descondicionamento". Este esforço parece fundamental a todos os que pretendem realmente ser autênticos profissionais (e não merce-

nários) da educação.

Em suma, mesmo que a escola não seja o único, nem o fundamental agente de educação, mesmo não dispondo das melhores condições de ensino e mesmo que esteja condicionada a reproduzir distorções sociais, o educador que atua na escola não pode se eximir de sua responsabilidade de buscar, juntamente com os outros, as formas mais adequadas de contribuir para "descondicionamento social" das novas gerações.

Tudo o que dissemos ajuda a com-



Todos o rejeitavam

Gada início de ano letivo constitui para mim uma avaliação de minhas atitudes como professor, no sentido de considerar o aluno não só como alguém que deve ser instruído intelectualmente, mas também um ser que necessita de uma formação global, com noções claras sobre tudo aquilo que diz respeito à vida social, os valores morais e religiosos. Assim, procuro não tanto transmitir uma teoria a mais, e sim testemunhar com minhas ações os poucos conceitos que comunico aos alunos. Desta forma, as crianças, os adolescentes e os jovens, que são as pessoas com as quais trabalho, captam com muita facilidade as noções transmitidas e as com-

preendem em toda sua plenitude.

Durante um determinado período, propusera a ajudar de maneira especial os alunos marginalizados na sala de aula. Aliás, se isto acontece na classe, quase sempre o fenômeno se repete em todos os demais ambientes que a pessoa frequenta.

Pois bem, numa turma de sexta série existia um garoto, de físico bem desenvolvido, mas sobretudo muito gordo, que tinha dificuldade para falar; a sua péssima dicção tornava difícil o seu relacionamento com os demais colegas de sua turma e das outras classes. Era realmente rejeitado por todos e ninguém o escutava de fato.

Uma ocasião pedi para a turma que

fizesse um certo trabalho em sala de aula. Antes de iniciar a separação por grupos, disse-lhes que ninguém deveria ficar de lado durante os trabalhos, que era preciso dar oportunidade a todos, sem colocar dificuldades para o trabalho em equipe. Mas, infelizmente, como sempre acontece, ficou alguém fora dos grupos que se constituíram espontaneamente. Procurei novamente falar sobre o fenômeno da rejeição, dizendo que a guerra, muitas vezes, não está distante de nós, ou só na televisão e nos filmes, mas também dentro de uma sala de aula, quando alguém é posto de lado; o que equivaleria a destruir alguém, ou seja, decretar uma morte social lenta para aquele colega. Minhas palavras surtiram logo um primeiro efei-

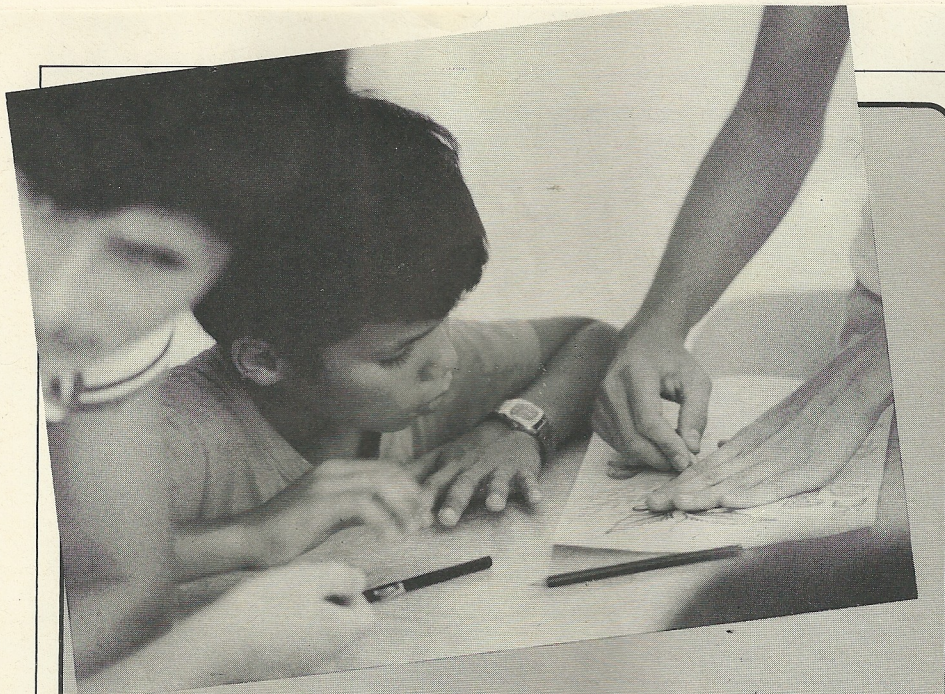
prender o quanto é urgente a reforma da instituição escolar, e como essa reforma pode ser marginal e provisória. De qualquer modo, entre outras virtudes ela deveria ter a de evoluir de acordo com os tempos, sem necessidade de recorrer, periodicamente, a reformas posteriores impostas do alto. Por essas razões consideramos que as propostas de reformas, hoje em discussão em muitos países, deveriam ser examinadas com muito rigor crítico, porque ao invés de responder às necessidades funda-

mentais da educação, têm características elásticas em sua aplicação, para melhor se adaptarem a situações concretas.

Sem entrar analiticamente no método da reforma da escola — não sendo essa a nossa tarefa — parece-nos, todavia, a título indicativo, que poderíamos dizer que a nova escola não deve ser calcada sobre as estruturas existentes, com as suas ramificações especializadas e as suas diferenciações, nem deve, por outro lado, adquirir, no auspicioso sistema

unitário, um caráter de “licenciatura” ou de “profissionalização”.

A escola deve ter um caráter que expresse “humanização”, e se articule em um sistema unitário e opcional. A opcionalidade, entretanto, não deve concretizar-se, como tem sido prefigurada, numa série infinita de escolhas de matérias e de sub-seções reagrupadas segundo tais escolhas, mas na oferta da possibilidade de diferentes modos de estudar, mantendo-se no âmbito das matérias fundamentais.



to, porque C., o gordinho que ficara de lado, foi acolhido por uma equipe. Com uma condição, todavia: que o colega correspondesse às exigências do trabalho impostas pelo grupo, caso contrário voltaria para sua posição anterior. Interferi novamente, fazendo com que C. assumisse um encargo dentro do grupo, encorajando-o para que tudo saísse bem.

Enquanto o trabalho se desenvolvia em minha presença, a coisa funcionou bem. Acontece porém que numa outra ocasião as equipes se encontraram fora da sala de aula. E aí novamente o problema voltou à tona, porque C. não pôde comparecer desta vez. Os colegas, então, caíram-lhe em cima, não dispensando as críticas mais severas, inclusive rejeitando a sua presença na equipe. Ao tomar conhecimento do ocorrido, fiz as devidas admoestações ao grupo, mas percebi que não bastava. Passei, então, a me interessar mais de perto pelos problemas de C. E uma das coisas que descobri logo de imediato foi que ele tinha sérias dificuldades para sair de casa e ir participar dos trabalhos nas casas dos colegas. Ao ficarem cientes também desta situação, os colegas aceitaram a minha proposta de que os trabalhos seriam feitos unicamente em sala de aula; e a paz voltou entre eles, podendo assim ser concluída a tarefa que lhes fora confiada.

Conversando mais tarde com C. ele me dizia que pela primeira vez em sua vida tinha começado a descobrir alguns amigos, entre aqueles colegas de grupo, e que agora lhe custaria muito deixar a atual escola, se fosse preciso, devido aos verdadeiros amigos que já tinha. Amigos estes com os quais se encontrava também fora da escola, para aprofundar aquela vida nova e aquela experiência iniciada na sala de aula.

A mudança verificada na vida de C. era evidente, tanto na escola como fora. Antes, confesso que o considerava um

aluno pouco capacitado intelectualmente, com base nas notas baixas obtidas nas avaliações. De fato, como não conseguia se expressar, ou pelo menos, como ninguém conseguia entender o que falava, devida à sua dicção, todos julgavam que não entendesse nada ou quase nada das lições. Mas, ao encontrar amigos que o escutavam, foi adquirindo segurança e passou a procurar os professores e os colegas para conversar e expor os seus problemas, dificuldades, na busca de uma solução conjunta. E com o passar do tempo, a sua própria dicção foi melhorando gradativamente, chegando a normalizar-se completamente; de consequência, melhorou também sua situação escolar.

Um outro problema que desapareceu completamente foi o complexo que ele tinha devido ao fato de ser gordo. De fato, quando antes alguém tocava neste assunto C. ficava logo vermelho, sem saber onde se esconder. Hoje, ele continua gordinho como antes, mas libertou-se completamente do problema, sorrindo sempre que alguém chama atenção para esta sua característica física, o que faz com que o problema desapareça.

Voltando ao que dizíamos no início, a mudança que se deu na vida de C. veio me confirmar que o adolescente e o jovem não pode nem deve ser instruído apenas intelectualmente, pois o homem é um ser bem mais complexo, que necessita de uma formação mais abrangente, onde o relacionamento sincero e de seus semelhantes seja um elemento indispensável para sua educação e realização global. C. é um entre os muitos alunos que, através da compreensão e do diálogo com seus colegas e professores, aprendeu a ter um relacionamento novo com os que o circundam.

S.F.

As matérias em si não são, realmente, fontes de formação, mas sim o “modo” pelo qual essas matérias chegam a incidir sobre o desenvolvimento da capacidade do indivíduo. O próprio trabalho manual deve encontrar seu lugar entre as atividades básicas da escola. A escola, segundo Maritain, «não deve fazer do jovem um sábio nem um amador do saber», mas «aparelhar o espírito para caminhar, amanhã, em direção da sabedoria». Ela tem por escopo «fornecer os fundamentos de uma verdadeira sapiência e de uma compreensão universal das conquistas do homem». Em particular, «deve fornecer o melhor adiestramento e exercício mental», de modo que, depois da escola, o jovem possa prosseguir, sozinho, pelo caminho que leva à verdade, à sistematização, à ciência e à profissão.

E o pessoal docente?

Uma escola desse tipo deve dispor de pessoal docente altamente qualificado. Como é sabido, infelizmente os professores nem sempre estão à altura da sua tarefa, em especial pela carência de preparação didática. Sabe-se também que a didática se faz indispensável, tanto para o ensino melhor das diversas disciplinas como – e isso é mais importante – para utilizar o próprio ensino em favor do desenvolvimento das várias potencialidades pessoais do aluno. Nesse segundo sentido a proposta de opcionalidade encontra elementos suficientes de concretização. A atualização didática também comporta a utilização de novo material didático, fruto das pesquisas tecnológicas aplicadas ao aprendizado – mass media, audiovisuais, computadores, etc.

Todo esforço de preparação e formação profissional deve ser obrigatoriamente feito – e isso terá, indubitavelmente, a sua validade – mas o importante é que o educador seja, antes de mais nada, ele próprio um homem novo. Se nele não morrer o velho eu, não poderá compreender a alma da nova geração. É preciso que ele próprio se transforme. Renascer: esse primeiro passo deve ser propiciado pela família, primeira responsável pela vida dos filhos, mas, ao lado dela, por todos quantos compreenderem o profundo sentido, o maravilhoso sentido da vida humana, cuja redenção foi paga por um preço de valor infinito.

**Luís Eduardo de Oliveira
e Reinaldo Matias Fleury**